

SEM:95-2 SEQ: 4 Local:  
AUT:LEITE, ANDRE LUIZ DA SILVA  
TIT:CONCENTRACAO E DESEMPENHO COM  
PETITIVO NO COMPLEXO BRASILEI-

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

**CONCENTRAÇÃO E DESEMPENHO COMPETITIVO NO COMPLEXO  
BRASILEIRO DE PAPEL E CELULOSE  
1993-1994.**

**Monografia submetida ao Departamento de Ciências Econômicas para obtenção de  
carga horária na disciplina CNM 5420 - Monografia**

**Por André Luís da Silva Leite**

**Orientador: Prof. Edvaldo Alves de Santana**



**Área de Concentração : Economia Industrial**

**Palavras - chaves: Concentração Industrial, Competitividade, Organização Industrial**

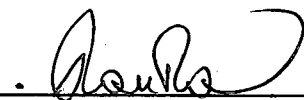
**Florianópolis, Novembro de 1995**

RECEBIDO EM  
10... 12.11.95  
19:00 H.S.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS ECONÔMICAS**

A banca examinadora resolveu atribuir a nota .....8.5..... ao aluno André Luís da Silva Leite na disciplina CNM 5420 - Monografia, pela apresentação deste trabalho.

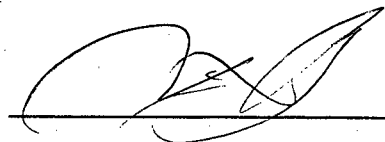
**Banca Examinadora:**



---

**Prof. Edvaldo Alves de Santana, Dr.**

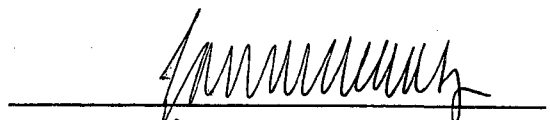
**Presidente**



---

**Prof. Renato Lebarbier Lima**

**Membro**



---

**Prof. Luiz Carlos de Campos Júnior**

**Membro**

**Aos meus Pais**

**À Cristina**

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Professor Edvaldo Alves de Santana, pela valiosa e dedicada orientação.

Ao Beto, da Biblioteca Central da UFSC, pela presteza no atendimento.

Aos colegas do curso de Ciências Econômicas, em especial à Cristiane, pelos textos sobre competitividade.

A todos que, direta ou indiretamente, colaboraram na confecção deste trabalho

## SUMÁRIO

	Página
- LISTA DE TABELAS.....	vi
RESUMO.....	vii
<b><u>CAPÍTULO I</u></b>	
1. Introdução.....	02
1.1 Problemática Geral.....	02
1.2 Objetivos.....	05
1.3 Metodologia.....	05
1.4 Estrutura do Trabalho.....	07
<b><u>CAPÍTULO II</u></b>	
2. Fundamentação Teórica.....	09
2.1 Estrutura de Mercado.....	10
2.2 Conduta de Mercado.....	11
2.3 Desempenho de Mercado.....	11
2.4 O Modelo Estrutura - Desempenho.....	12
<b><u>CAPÍTULO III</u></b>	
3. CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E COMPETITIVIDADE - ASPECTOS TEÓRICOS.....	17
3.1 Concentração Industrial.....	17
3.2 Competitividade.....	20
<b><u>CAPÍTULO IV</u></b>	
4. PERFIL DO COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE.....	25
<b><u>CAPÍTULO V</u></b>	
5. O COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE.....	29
5.1 Concentração do Complexo de Papel e Celulose.....	29
5.2 Desempenho Competitivo do Complexo de Papel e Celulose.....	33
<b><u>CAPÍTULO VI</u></b>	
6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	45
FICHA DE AVALIAÇÃO.....	47

## LISTA DE TABELAS

	Página
- TABELA 4.1 - Distribuição geográfica da produção de papel e celulose - 1994.....	26
- TABELA 5.1 - Índice de concentração na indústria de papel e celulose - 1993-1994.....	29
- TABELA 5.2 - Produção brasileira de papel e os maiores produtores - 1993 -1994.....	30
- TABELA 5.3 - Produção brasileira de celulose e os maiores produtores - 1993-1994.....	32
- TABELA 5.4 - Evolução do faturamento líquido das indústrias de papel e celulose - 1993-1994..	35
- TABELA 5.5 - Produção dos setores de papel e celulose - 1993-1994.....	36
- TABELA 5.6 - Evolução do faturamento/produção das indústrias brasileiras de papel e celulose - 1993-1994.....	37
- TABELA 5.7 - Evolução das exportações e importações dos setores de papel e celulose - 1993- 1994.....	38
- TABELA 5.8 - Maiores produtores mundiais de papel e celulose - 1993.....	39

## RESUMO

O objetivo principal deste trabalho foi testar a existência de uma possível associação positiva entre concentração e desempenho competitivo, nos setores industriais de papel e celulose. Para tanto, o fundamento teórico adotado foi o modelo Estrutura - Desempenho, da Organização Industrial. Este modelo afirma que o desempenho, ou *performance*, de uma indústria é diretamente influenciado por sua estrutura e sua conduta. Desta forma, espera-se que uma indústria com alto grau de concentração apresente melhor desempenho. A conclusão deste trabalho foi dividida em duas. A primeira revela as análises individuais da concentração e do desempenho competitivo nos setores. A segunda diz respeito ao modelo teórico adotado.

No que concerne à concentração industrial, averiguou-se que o setor de papel caracteriza-se como moderadamente concentrado e possui um expressivo número de produtores. A indústria de celulose, por sua vez, possui um alto índice de concentração aliado a um pequeno número de empresas atuantes. Desta forma, o setor de papel possui características de “Oligopólio Diferenciado”, enquanto que o de celulose apresenta aspectos relacionados ao “Oligopólio Concentrado”.

No que se refere à competitividade, verificou-se que ambas as indústrias apresentam capacidade competitiva. Por sua vez, a análise dos indicadores utilizados para a mensuração do desempenho competitivo permite verificar que o setor de celulose possui melhor capacidade competitiva, já que em três dos quatro indicadores utilizados, esta indústria apresentou melhores resultados.

Portanto, já que a indústria de celulose apresentou maior índice de concentração e melhor desempenho competitivo, a proposição do fundamento teórico adotado foi confirmada. Isto é, verificou-se a associação positiva entre concentração e desempenho competitivo nos setores de papel e celulose, em 1993 e 1994.

## **CAPÍTULO I**

### **INTRODUÇÃO**



# CAPÍTULO I

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 PROBLEMÁTICA GERAL

O processo de industrialização tem tido importância significativa na promoção do desenvolvimento sócio-econômico de uma nação. De modo geral, a industrialização traz consigo o processo de concentração e origina um vasto número de pequenas empresas que, de modo geral, tornam-se satélites das maiores. Este fato dá origem à formação de oligopólios, que são as estruturas de mercado mais comuns nas indústrias atualmente. O mecanismo oligopolista privilegia algumas empresas em detrimento de outras na mesma indústria.

Dentro desta perspectiva, conceitua-se indústria como sendo um conjunto de empresas dedicadas às mesmas atividades ou à atividades estreitamente relacionadas. A empresa ou firma representa as unidades produtoras que compõem uma indústria.

O estudo do processo de concentração industrial é importante, uma vez que este gera ou acrescenta poder de mercado às maiores empresas. Por exemplo, o volume de tecnologia em determinadas indústrias pode provocar um aumento no capital mínimo necessário para o ingresso de outras firmas nestes mercados, criando um obstáculo natural à entrada de novas firmas.

Outro interesse no estudo da concentração industrial está em identificar as magnitudes da concentração para uma posterior análise de desempenho, que é dependente daquela variável estrutural. Em estruturas de mercado concentradas verifica-se a influência perceptível das maiores firmas sobre o comportamento do mesmo. Isto é, a decisão de uma empresa em aumentar seus lucros, por exemplo, a partir da redução de seus custos e do aumento de sua demanda, afetaria as vendas de seus rivais, que, por sua vez, através de seus atos, podem afetar a primeira firma.

Competitividade é um conceito ainda indefinido, dado que são muitas as possíveis maneiras com as quais se busca relacioná-la. Dentre estes enfoques, neste trabalho será utilizado aquele que focaliza competitividade como desempenho dos bens ou serviços no mercado. A análise do desempenho competitivo fornece subsídios para a formulação de um diagnóstico que indique os pontos positivos e negativos da atuação de uma determinada indústria. Desta forma, contribui para que as empresas formulem suas estratégias visando moldar seu perfil concorrencial ao das grandes empresas mundiais. Também pode fornecer elementos para a formulação de políticas industriais por parte das autoridades governamentais.

A importância do acompanhamento desta variável para as empresas encontra-se em “Competitividade Industrial” (1991), elaborado por empresários ligados à Confederação Nacional da Indústria. Este documento avalia a competitividade sob diferentes óticas. Sob a ótica das linhas estratégicas, o trabalho indica as exigências para o futuro, a coordenação de políticas, o macrocenário da política industrial e o estado atual da competitividade no Brasil. Sob a linha da política tecnológica, o texto apresenta o estágio industrial e o papel da tecnologia na indústria. À luz da política comercial, coloca-se os problemas atuais e as perspectivas para o futuro.

Para Bonelli, Fleury e Fritschi (1994), a atual política industrial brasileira focaliza o desempenho competitivo de uma firma como sendo seu objetivo estratégico, o que reforça a importância da sua avaliação por parte das empresas e das indústrias. Esta mudança de paradigma ocorreu paralelamente à mudança nos métodos de análise da competitividade, como o aumento do uso de indicadores não-tradicionais, tais como medidas múltiplas de desempenho. Estas referem-se aos custos de produção, à qualidade dos produtos, à confiabilidade e prazos de entrega, à capacidade de inovação, entre outros.

No entanto, este estudo utilizará, na avaliação do desempenho competitivo, indicadores comuns propostos para o complexo de papel e celulose, dado que dados e informações acerca desse tipo de indicadores são mais facilmente encontrados, e a pesquisa de informações de indicadores não-tradicionais demandaria mais tempo, podendo provocar atrasos na elaboração deste trabalho.

A relação entre concentração industrial e desempenho competitivo sugere que este último é resultado, dentre vários outros fatores, do nível de concentração de produtores neste mercado. Assim, de acordo como o modelo Estrutura - Conduta - Desempenho, espera-se que um alto nível de concentração implique a existência de um satisfatório desempenho competitivo. Uma das implicações de trabalhos que utilizam este modelo é a de prover informações para a implementação de programas de desenvolvimento do setor. Pelo lado das empresas, as informações são utilizadas visando a elaboração de planejamento, assim como de correção de direcionamentos anteriormente adotados. Sob a ótica das autoridades governamentais, estes dados contribuem para a formulação de políticas industriais específica para o setor, que podem ser, por exemplo, leis antitrustes ou programas de incentivo à produtividade e competitividade.

A escolha do complexo de papel e celulose deve-se à sua relevância na estrutura industrial brasileira, tanto sob o aspecto da produção, quanto sob a ótica do comércio exterior. Em 1994, esta indústria suplantou todos os recordes de produção de sua história, atingindo um faturamento equivalente a 1,17% do PIB. No que refere-se aos resultados do comércio exterior, o setor obteve um superávit de US\$ de 1,4 bilhão, o qual representa 12,2% do saldo positivo da balança comercial brasileira de 1994.

Internamente, a indústria com mais importância é a de papel que, em função das características estruturais de seu mercado, determina o grau de verticalização, para frente e para trás, da empresa. A indústria brasileira de papel e celulose atingiu faturamento de US\$ 5,1 bilhões em 1992 (1,2% do PIB), com produção de 4.921 mil toneladas de papel e de 4.871 mil t de celulose. O Brasil é o décimo primeiro maior produtor mundial de papel e atua em todos os seus segmentos. É também o sétimo maior produtor mundial de celulose.

A produção e o consumo mundial de papel e celulose tem aumentado significativamente nos últimos anos. E, como consequência, a competição mundial neste mercado tem se acirrado. Dentro desta perspectiva, o complexo brasileiro de papel e celulose tem apresentado uma *performance* acima da média e enfrenta os concorrentes mundiais com preços mais baixos e com produtos com padrões de qualidade compatíveis com os exigidos pelos demandantes internos e externos. Isto resulta de um longo período de investimento por parte das empresas

componentes do setor, da abundância brasileira da matéria-prima necessária e de uma produção com ênfase exportadora.

Neste cenário, Santa Catarina ocupa posição privilegiada. O estado é o terceiro maior produtor de papel e de celulose do país. E, destaca-se por ser o maior produtor nacional de celulose de fibra longa, sendo responsável por aproximadamente 48% da produção nacional deste produto.

## **1.2 OBJETIVOS**

### **Objetivo Geral:**

Testar a existência de uma associação positiva entre o grau de concentração industrial e o desempenho competitivo, com base no paradigma Estrutura - Desempenho da Organização Industrial, do complexo brasileiro de papel e celulose, nos anos de 1993 e 1994. O modelo teórico adotado é uma vertente do modelo Estrutura - Conduta - Desempenho, que desconsidera a conduta, ou comportamento, devido às dificuldades inerentes à sua mensuração.

### **Objetivos Específicos:**

- a) Determinar o grau de concentração industrial no setor de papel e celulose no período de 1984 a 1994;
- b) Monitorar aspectos relacionados ao desempenho competitivo através de dados propostos para o setor selecionado;
- c) Analisar a relação entre concentração e competitividade, através do paradigma Estrutura - Desempenho.

## **1.3 METODOLOGIA**

Para que fossem alcançados os objetivos, foi utilizada a seguinte metodologia:

Primeiramente, o complexo de papel e celulose foi dividido em dois setores, de modo que suas características individuais fossem destacadas. Esta divisão permitiu a observação da relação entre as variáveis em dois setores com aspectos diferentes.

Após, foi calculado o grau de concentração na indústria brasileira de papel celulose no em 1993 e 1994. Para tanto foram utilizadas duas formulações matemáticas, para obter maior precisão no valor deste índice, propostas por diversos autores, destacando-se:

$$\text{a) Índice de concentração} = \frac{\text{Valor da produção dos 4 maiores estabelecimentos}}{\text{Valor da produção total do setor}} \times 100, \text{ e}$$

$$\text{b) Índice de concentração} = \frac{\text{Valor da produção dos 8 maiores estabelecimentos}}{\text{Valor da produção total do setor}} \times 100.$$

Em seguida, foi feito um monitoramento do desempenho competitivo do complexo de papel e celulose, através do seguintes indicadores propostos para o complexo:

a) a evolução das exportações e importações nacionais, mostrando o poder de mercado do setor brasileiro perante o setor mundial;

b) a evolução do faturamento líquido dos setores em questão no período considerado, visando verificar a competitividade através de um indicador de rentabilidade.

c) a evolução do faturamento líquido por tonelada produzida, que representa a rentabilidade por tonelada produzida; e

d) o *market-share*, que representa a parcela de mercado ocupada pelos setores interna e externamente.

Os dados necessários para a elaboração deste trabalho foram extraídos de publicações da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose. Dentre estes, destaca-se o Relatório Estatístico de 1994, contendo as principais informações numéricas dos setores analisados; e

diversas edições da revista *Papel e Celulose*, que traz dados e notícias atualizadas sobre as indústrias em questão. Também foram utilizadas outras notícias de revistas sobre este complexo industrial.

Devido à extensão de trabalhos sobre o tema, este trabalho procurou fazer uma síntese do modelo Estrutura - Conduta - Desempenho, com base em autores clássicos como Bain, Scherer e Labini. Brumer, além de fazer uma sintetização da teoria da Organização Industrial, analisa os elementos que compõem as variáveis do modelo.

Foram utilizados, ainda, estudos de outros autores como Berni, Figueiredo e Bonelli. Em referência à teoria do desempenho competitivo, Kupfer e Coutinho abordam o assunto de maneira simples e objetiva. Além destes, Jorge e Soares, separadamente, fazem um estudo da competitividade nos setores de papel e celulose e propõem indicadores para o seu monitoramento nestas indústrias.

Finalmente, foi feita uma descrição e análise dos resultados obtidos, visando verificar a existência de uma possível relação positiva entre as variáveis, conforme o modelo tradicional da Organização Industrial, denominado de Estrutura - Conduta - Desempenho.

#### **1.4 ESTRUTURA DE TRABALHO**

Definida a problemática e os objetivos, este trabalho compõe-se de mais quatro capítulos, estruturados como se segue.

O capítulo II aborda, de forma resumida, um estudo da teoria da Organização Industrial, que é a fundamentação teórica deste trabalho. O capítulo seguinte, mostra um resumo da teoria sobre concentração industrial, e alguns apontamentos sobre o debate teórico acerca da questão da competitividade. O capítulo IV, traz um breve perfil do complexo de papel e celulose. O capítulo V, apresenta os cálculos e a análise do nível de concentração dos setores escolhidos, para os anos de 1993 e 1994. Este capítulo também traz a avaliação do desempenho competitivo dos setores de papel e celulose, no mesmo período. E, finalmente, o capítulo V apresenta as conclusões finais do trabalho e sugestões de temas para trabalhos futuros.

## **CAPÍTULO II**

### **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## **CAPÍTULO II**

### **2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A teoria econômica do oligopólio deu origem aos estudos sobre economia industrial que cresceram rapidamente, principalmente nos últimos quarenta anos, devido sobretudo ao dinamismo das relações inter e intrasetoriais. Este dinamismo resulta da interação das atitudes de compradores e vendedores, que são os responsáveis pelo ciclo da produção, circulação e consumo de produtos e serviços.

O quadro teórico no qual se baseia este trabalho é o modelo Estrutura - Conduta - Desempenho criado com o intuito principal de investigar o ambiente de operação das empresas industriais. Refere-se, portanto, aos ajustamentos feitos pelas firmas industriais para melhor se adaptarem aos mercados nos quais se encontram inseridas.

Um segundo objetivo desta fundamentação teórica é a comprovação empírica de algumas associações do comportamento das empresas em diversos tipos de estrutura de mercado. Segundo a teoria econômica ortodoxa, há dois tipos de determinantes da atuação da firma no mercado. São eles: a estrutura de mercado, que tem influência compulsiva e canalizadora sobre o comportamento das firmas; e a conduta de mercado das empresas, que engloba os costumes, as políticas e os métodos que estas utilizam para realizar os ajustes requeridos.

Joe Bain (1959) foi um dos precursores desta teoria e apresenta toda a conceituação necessária para a compreensão da mesma. Primeiramente, ele faz um estudo individual de cada um dos elementos que compõem o modelo, para depois fazer uma análise teórico-empírica sobre as associações entre estes elementos. Isto é, por exemplo, a extensão do desempenho industrial que pode ser explicada pela estrutura predominante nesta indústria.

Um dos vários enfoques utilizados para análise de um mercado industrial tem sido a identificação das relações entre estrutura, conduta e desempenho. Neste modelo, o campo de análise está construído sobre as bases da teoria microeconômica tradicional, na qual os referidos elementos são considerados como um complexo interdependente de fenômenos.



A figura 1.1, extraída de Scherer (1990), apresenta um quadro descritivo do modelo Estrutura - Conduta - Desempenho, o qual será utilizado neste trabalho. Na análise desse autor, desempenho é consequência das condutas dos vendedores e compradores em aspectos como políticas de preços, cooperação tácita entre firmas, linha de produtos e estratégias de divulgação, pesquisa e desenvolvimento, e assim por diante. Conduta, ou comportamento, por sua vez, depende da estrutura predominante no mercado, caracterizada pela distribuição por número e tamanho dos ofertantes e demandantes (concentração), pela presença ou ausência de barreiras à entrada de novas firmas, pelas formas das curvas de custo, pelo grau de integração vertical das firmas, dentre outras características.

Finalmente, a estrutura de um mercado é influenciada pelo que Scherer (op. cit.) chama de características básicas. Estas atuam tanto pelo lado da oferta quanto pelo da demanda. Com relação à oferta cita: a localização de matéria-prima, o grau de tecnologia, a durabilidade do produto, a relação valor/peso, atitudes nos negócios, etc. E, pelo lado da demanda, elasticidade-preço da demanda, bens substitutos, taxa de crescimento da demanda, caráter cíclico e sazonal, métodos de compra, tipos diferentes de comercialização.

## **2.1 ESTRUTURA DE MERCADO**

Para Bain (1959), estrutura refere-se às “características de organização de um mercado que parecem influenciar estrategicamente a natureza da competição e dos preços dentro de um determinado mercado”. Estas características estabelecem as relações entre compradores e vendedores. Em outras palavras, estrutura refere-se à maneira como os componentes que integram uma indústria se organizam. Além do mais, as características determinantes das estruturas de mercado são relativamente rígidas e tendem a não sofrer alterações expressivas em curto espaço de tempo.

As principais variáveis que compõem a análise de uma estrutura de mercado são: concentração de vendedores e de compradores, diferenciação de produtos, barreiras à entrada no mercado, taxa de crescimento da demanda de um produto, elasticidade-preço da demanda, diferenciação e integração vertical, entre outras.

## **2.2 CONDUITA DE MERCADO**

A conduta de mercado, variável intermediária do modelo adotado, refere-se aos padrões de comportamento que as firmas seguem para se ajustar ou se adequar ao mercado em que atuam, isto é, às ações que as firmas empregam para a determinação dos preços, da produção, das características do produto, das despesas de venda e dos gastos com pesquisa e desenvolvimento. Logo, conduta diz respeito aos processos de decisão e às relações intrasetoriais. Dividindo-se em duas partes distintas que são ligadas entre si. A primeira refere-se ao caráter e coordenação das relações entre vendedores e a segunda aos princípios e métodos observados por elementos capacitados, com a intenção de tomar decisões para caracterizar sua atuação.

Segundo Bain (op. cit.), a conduta de mercado, sob a ótica das empresas ofertantes, possui cinco dimensões básicas:

- a) os objetivos da firma ao adotar uma certa política de preços;
- b) o método empregado pela firma para atingir estes objetivos;
- c) a política de produto das firmas;
- d) a política promocional das firmas; e
- e) os meios de coordenação adotados para atingir suas metas.

## **2.3 DESEMPENHO DE MERCADO**

A *performance* ou desempenho de mercado refere-se aos resultados finais atingidos pelas empresas em função da estrutura e da conduta do mercado no qual se encontram. Resultados estes que medem o caráter dos ajustamentos feitos pelas firmas à demanda efetiva por seus produtos no mercado, no caso de serem firmas ofertantes, correspondendo ou não às suas expectativas. Portanto, os estudos sobre desempenho devem sempre analisar os resultados obtidos.

Vários são os aspectos relevantes propostos para se quantificar o desempenho. Entre eles estão a eficiência técnica, que diz respeito ao grau em que os produtos são fabricados em plantas e empresas com tamanho eficiente; eficiência alocativa; associação entre preços e

custos marginais; resultados advindos da inovação; relação entre custos de venda e custos de produção, que reflete os resultados promocionais; progressividade nas técnicas de produção; desempenho do produto no mercado; etc. A análise de desempenho também privilegia aspectos relacionados à contribuição das indústrias para a geração e manutenção de empregos.

#### **2.4 O MODELO ESTRUTURA - DESEMPENHO**

Como sugere o modelo teórico adotado, há influência da estrutura sobre a conduta e desta variável para o desempenho. Por conseguinte, pode-se omitir o estudo do componente intermediário, e analisar de forma direta a relação entre estrutura e *performance*. O que favorece o surgimento deste modelo são as dificuldades na determinação das diferentes estratégias adotadas pelas firmas em diferentes períodos de tempo.

O estudo da estrutura e da conduta de um dado mercado é importante tanto por razões científicas, quanto para fins de política pública. Segundo Brumer (1981), a teoria econômica sugere que determinados tipos de estrutura e conduta conduzirão a um desempenho desejável. Por outro lado, outros tipos terão conseqüências insatisfatórias. Do ponto de vista científico, interessa verificar os diferentes tipos de estruturas e de condutas que levam a diferentes desempenhos.

A figura 1.1 apresenta uma relação causal entre os elementos, indicando que há grandes possibilidades de mudanças no desempenho das indústrias decorrentes das mudanças estruturais e de conduta de mercado. No entanto, conhecer somente as mudanças na estrutura e na conduta que resultarão em alterações no desempenho não é suficiente, uma vez que aquelas podem ter ocorrido muito antes das alterações no desempenho.

Segundo Berni (1990), uma maneira de analisar o efeito da estrutura sobre o desempenho consiste em tomar um corte de indústrias e verificar os efeitos do grau de concentração sobre a taxa de lucro (ou outra variável de desempenho). O autor sugere ainda que um elevado nível de concentração implicaria o surgimento de lucros elevados. Isto é, um nível de concentração elevado teria como conseqüência a obtenção dos resultados esperados ou planejados.

### Condições Básicas

<b>Oferta</b>	<b>Demanda</b>
<b>Localização de matéria-prima</b>	<b>Elasticidade-preço</b>
<b>Tecnologia</b>	<b>Bens substitutos</b>
<b>Durabilidade do produto</b>	<b>Taxa de crescimento da demanda</b>
<b>Valor/peso</b>	<b>Caráter cíclico e sazonal</b>
<b>Atitudes nos negócios</b>	<b>Métodos de compra</b>
<b>Sindicalização</b>	<b>Tipos de comercialização</b>



### Estrutura de Mercado

<b>Número de compradores e vendedores</b>
<b>Diferenciação de produtos</b>
<b>Barreiras à entrada</b>
<b>Estruturas de custos</b>
<b>Integração vertical</b>
<b>Diversificação</b>



### Conduta de Mercado

<b>Determinação do preço</b>
<b>Estratégia de produto e propaganda</b>
<b>Investimentos em plantas</b>
<b>Táticas legais</b>
<b>Pesquisa e Desenvolvimento</b>



### Desempenho

<b>Eficiência alocativa</b>
<b>Progresso técnico</b>
<b>Emprego total</b>
<b>Equidade</b>

**Figura 1.1 PARADIGMA ESTRUTURA - CONDUTA - DESEMPENHO**

Uma análise industrial a partir deste modelo requer a existência de algum padrão com o qual as alterações observadas possam ser comparadas. Para tanto, segundo Brumer (op. cit.), dispõe-se, na teoria econômica, apenas do modelo econômico competitivo, que não seria o único modelo possível de ser adotado.

A análise da estrutura e do desempenho também justifica-se para fins de política pública, tendo em vista que “o próprio desempenho é definido, neste modelo, em termos de bem-estar econômico, sendo que esta conceituação instilou na teoria da Organização Industrial uma forte orientação política” (Brumer, 1981). Desta forma, caso se verifiquem desempenhos não satisfatórios, as autoridades governamentais, através da regulamentação da estrutura e da conduta de mercado, podem alterar o desempenho, isto é, pela manipulação da estrutura tentam influenciar o desempenho. Verifica-se, portanto, a importância das medidas governamentais que tem como objetivo assegurar um grau mínimo de competição, como, por exemplo, medidas que visem impedir fusões.

Uma das principais críticas ao modelo é que ele não considera a retroalimentação do desempenho à estrutura. Por exemplo, da mesma maneira que um alto índice de concentração pode implicar uma margem de lucro elevada, a margem de lucro pode fazer com que as maiores firmas atuantes em um determinado mercado utilizem condutas predatórias, evitando a entrada de outras firmas, e aumentando, portanto, o grau de concentração neste mercado. Segundo alguns autores, a estrutura de uma indústria é estável ao longo do tempo e possibilita, então, que se estabeleça o relacionamento entre os elementos. Outra crítica feita ao modelo deve-se ao seu caráter estático, que preconiza a análise das informações em pontos determinados no tempo e não leva em conta o dinamismo das relações intercapitalistas.

Estudos que estabeleceram apenas aspectos especiais das relações entre estrutura e desempenho, sem focar a estrutura, a conduta e o desempenho de uma maneira linear ou gradual, obtiveram bons resultados. Mas, o modelo tem apresentado fracasso no sentido de dar subsídios aos formadores de políticas públicas. Além do que, a área onde foram alcançados os melhores resultados refere-se aos estudos das relações entre rentabilidade e diversas dimensões formadoras da estrutura. Neste sentido, Figueiredo (1984) obteve resultados expressivos,

chegando à conclusão de que, na indústria brasileira de bens de consumo duráveis, há uma associação positiva entre concentração e desempenho.

O modelo afirma, portanto, que um elevado grau de concentração tende a influenciar a existência de desempenho satisfatório. Porém, alguns autores alertam para o fato de que há um limite, ainda indefinido, no qual o nível de concentração é tal que esta relação não é mais passível de ser comprovada.

### **CAPÍTULO III**

## **CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E COMPETITIVIDADE**

## CAPÍTULO III

### 3. CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL E COMPETITIVIDADE

#### 3.1 CONCENTRAÇÃO INDUSTRIAL

“Teoria e prática sugerem que o caráter, a intensidade e efetividade da competição entre ofertantes são significativamente afetados pelo grau de concentração de ofertantes em um determinado mercado” (Bain, 1959). Esta afirmação apresenta o grau de importância do estudo da concentração dentro de uma análise de um setor industrial.

O termo concentração industrial é bastante difundido nos estudos de Organização Industrial, tendo em vista que é um dos elementos mais importantes na descrição das estruturas de mercado onde atuam alguns segmentos da economia. Assim, concentração torna-se um indicador de fundamental importância na classificação de um dado mercado como sendo monopolista, oligopolista ou concorrencial.

Bain (op. cit.) conceitua concentração como “propriedade ou controle de uma grande proporção de agregados de recursos econômicos ou de atividades, tanto por uma pequena proporção das unidades que possuem ou controlam os agregados, quanto por um pequeno número destas unidades”. Por outro lado, a concentração industrial, na visão de Labini (1980), “trata-se fundamentalmente de um processo dirigido à busca de uma crescente eficiência técnica e econômica”. E, para Boyle (apud Brumer, 1981), de uma maneira simplificada, “a concentração, em sua forma mais simples, representa um método de descrição pelo qual  $n$  empresas controlam  $x$  por cento das vendas, da capacidade produtiva, dos lucros, ou de alguma outra variável”.

Para alguns estudiosos, as alterações no nível de concentração ocorrem devido a mudanças nos paradigmas tecnológicos. Para outros, a vontade de alguns produtores em aumentar seu poder de mercado é a razão do aumento do grau de concentração, uma vez que este gera poder de mercado às maiores empresas. Portanto, são condicionantes da concentração as fusões entre empresas, o aumento do tamanho das plantas por economia de escala, etc.



Como o grau de concentração observado em uma indústria pode constituir-se em um dos principais indicadores de sua estrutura, então quanto maior for seu índice de concentração, maior a possibilidade de se encontrar estruturas oligopolistas nesta indústria. Analogamente, um pequeno valor de concentração implica um maior grau de concorrência entre as firmas. Segundo Scherer (1990), quando as quatro maiores firmas de uma determinada indústria controlam mais de 40% da produção, aumenta a probabilidade de nela existirem comportamentos oligopolísticos.

O nível de concentração também tem influência nas relações intersetoriais. Por exemplo, em uma indústria de bens de capital que tenha uma estrutura oligopolística, a alta concentração afetará seus preços, que, por sua vez, afetarão os preços e os processos de produção em outras indústrias, caso estas sejam consumidoras dos bens da primeira.

A concentração industrial, ou de mercado, refere-se à participação de um número determinado (3, 4, 5 ou 8) de empresas sobre a utilização total de recursos econômicos (produção, vendas, etc.) de um setor industrial. Esta medida de concentração apresenta a vantagem de ser facilmente calculada. No entanto, podem surgir alguns problemas decorrentes do seu uso como indicador do poder de mercado. Para Brumer (1981), uma supervalorização do índice pode surgir ao não se considerar um alto nível de importações em relação à produção doméstica. Ou, as condições competitivas do mercado interno, no caso de haver um grande volume de exportação da produção das maiores empresas, podem ser significativamente diferentes das indicadas pelo nível de concentração.

De maneira análoga, o grau de concentração pode ser subvalorizado. Uma grande empresa pode, pela participação em outras empresas, controlar uma parte ainda maior da produção do que aquela preconizada pelo nível de concentração calculado.

Diversos são os índices propostos para se calcular o nível de concentração em um mercado. O índice de Gini, para Labini (op. cit.), é o indicador de concentração mais aconselhável, uma vez que contabiliza todas as empresas desta indústria, estando, portanto, isento das desvantagens dos índices CR4 e CR8. Estas denominações, conforme Scherer (op. cit.), são utilizadas para designar a razão de concentração ao nível das quatro e das oito maiores, respectivamente.

No entanto, devido à insuficiência de dados, este trabalho utiliza as seguintes expressões para o cálculo do grau de concentração no complexo de papel e celulose:

$$\text{Índice de Concentração (CR4)} = \frac{\text{Valor da produção dos 4 maiores estabelecimentos}}{\text{Valor da produção total do setor}} \times 100$$

E, analogamente,

$$\text{Índice de Concentração (CR8)} = \frac{\text{Valor da produção dos 8 maiores estabelecimentos}}{\text{Valor da produção total do setor}} \times 100$$

Utiliza-se, no presente trabalho, duas medidas de concentração, já que permitem a obtenção de mais informações sobre a estrutura da indústria do que se se utilizasse apenas um indicador.

Este indicador, segundo Figueiredo (1984), oferece uma aproximação do que se costuma chamar de concentração técnica de um setor ao nível das plantas produtivas. Uma de suas limitações é que ele subestima a concentração econômica, ou seja, a participação das maiores empresas nas vendas totais, na medida em que estas empresas tenham participação nas pequenas. No entanto, o indicador em questão representa, de forma indireta, o poder de mercado das firmas dominantes devido ao tamanho de suas plantas.

A análise do grau de concentração não deve ser feita apenas com base em seu resultado numérico, já que o mesmo deve ser relacionado ao número de empresas existentes em uma dada indústria. Por exemplo, como cita Bain (op. cit.), se em uma indústria produtora de alumínio existem 3 firmas e em outra que produz cobre existem 9 firmas, então, a primeira é mais concentrada, porque nela menos firmas disputam o total de 100% possíveis. Também, supondo duas indústrias com o mesmo número de firmas, se na primeira o índice CR4 for 85% e na segunda o CR4 for 65%, então a primeira será mais concentrada que a segunda.

O coeficiente de concentração apresenta-se como eficiente indicador do tipo de estrutura vigente em uma determinada indústria. No entanto, este coeficiente possui limitações, visto que fornece apenas uma indicação para a determinação da estrutura. Logo, não deve ser utilizado como o único elemento descritivo da estrutura de uma indústria. Assim, estudar

concentração, que é o objetivo deste trabalho, não é o mesmo que estudar estrutura de mercado.

### **3.2 COMPETITIVIDADE**

As teorias microeconômicas tradicionais sobre competitividade definiam-na como uma questão de preços, custos e taxa de câmbio. Atualmente, estas visões encontram-se ultrapassadas. Ao final dos anos 70, estudos sobre o assunto passaram a ser freqüentes, mas uma definição clara e precisa sobre este tema ainda não havia sido encontrada.

As transformações econômicas experimentadas nos anos 80 e 90 expandiram o conceito de competitividade. Ainda assim, competitividade é um conceito que permanece de certa forma indefinido, uma vez que há diversos enfoques aos quais se busca relacioná-la.

Com base na teoria microeconômica, as definições de competitividade são centradas nas firmas, relacionando-a às aptidões das firmas no projeto, produção e vendas de um determinado bem ou serviço. No enfoque macroeconômico, competitividade aparece como sendo a capacidade de uma nação em apresentar resultados satisfatórios relacionados ao comércio exterior e à elevação do nível de vida de uma população.

Para Kupfer (1992), “a noção de competitividade não pode prescindir de fundamentos microeconômicos, que, por sua vez, são demarcados pela dinâmica do processo de concorrência, em particular, pela interação entre as condições estruturais que o direcionam e as condutas inovativas que o transformam”.

Mesmo assim, permanece bastante complexa a definição de competitividade de um setor industrial. Geralmente, este conceito refere-se a firmas ou a um bem específico. Competitividade de uma indústria pode ser associada tanto à dimensão do mercado quanto à da produção. Desta forma, é possível apresentar a noção de competitividade em dois grupos distintos:

i) Competitividade como desempenho: sob esta ótica, a competitividade é expressa na participação no mercado (*market-share*) atingida por uma empresa ou um conjunto delas em um determinado momento;

ii) competitividade como eficiência: nesta vertente, busca-se relacionar a competitividade com a forma pela qual a empresa esforça-se para minimizar seus custos, isto é, obter um mínimo de perdas.

A noção de competitividade como desempenho dá ênfase aos aspectos relacionados à participação no mercado atingida por uma determinada firma. Neste conceito, a competitividade é medida por algum índice que a relacione com o *market-share* em um certo momento. Esta noção apresenta uma certa tautologia, segundo Kupfer (op. cit.), porque confunde causa com efeito. De fato, a participação de uma firma no mercado pode ser o resultado de suas estratégias competitivas. E, nem sempre, as empresas procuram, em suas estratégias competitivas, expressivas parcelas do mercado. De outra forma, significativas participações podem, em determinadas ocasiões, demonstrar apenas o sucesso das estratégias desenvolvidas no passado, e não, sua situação atual.

Neste enfoque, a posição competitiva das firmas é definida pela demanda no mercado, já que esta arbitra quais os produtos a serem produzidos pelas firmas. Este enfoque é, sob certo aspecto, restritivo, tendo em vista que aborda competitividade estaticamente, ou seja, analisa o comportamento dos indicadores até um determinado momento.

Coutinho e Ferraz (1994) afirmam que o desempenho competitivo de uma firma, ou de uma indústria, é condicionado por diversos fatores, que podem ser internos às empresas, estruturais ou sistêmicos.

Os fatores internos às empresas são aqueles que estão sob sua influência direta. Entre eles, estão as vantagens competitivas que as firmas possuem, os recursos acumulados, a qualidade e produtividade dos recursos humanos, etc.

Os fatores estruturais estão parcialmente sob controle das firmas e caracterizam o ambiente no qual esta se encontra inserida. São representados pelas características dos mercados consumidores, a configuração da indústria, concorrência, etc. Entre estes fatores, encontra-se o nível de concentração industrial, como uma das principais variáveis estruturais.

Os fatores sistêmicos são aqueles totalmente externos às empresas. Podem ser de natureza macroeconômica, político-institucionais, regulatórios, características sócio-econômicas de uma região ou país, entre outros.

A vertente que associa competitividade com eficiência técnica também encerra problemas. Em primeiro lugar, considera que o principal elemento causador da competitividade de uma firma é a tecnologia. Esta conceituação subestima fatores como esforços de venda, imagem da firma, etc. E, em segundo lugar, os parâmetros que indicam a competitividade das firmas desprezam determinadas peculiaridades do comportamento das firmas.

Há uma certa incompatibilidade entre os dois enfoques. Competitividade como desempenho é um fenômeno *ex-post*, ou seja, é o resultado de um vasto conjunto de fatores. Na análise de competitividade como eficiência, esta é um fenômeno *ex-ante*, uma vez que é um grau de capacitação detido pelas firmas, que se traduz nas atitudes por elas praticadas.

Outro problema surge do caráter estático comum a estas vertentes, já que, em ambas, não se leva em conta o planejamento estratégico da firma no passado. E, conseqüentemente, ignora-se a dinâmica das relações intercapitalistas. A presença de várias firmas, concorrentes entre si, implica uma incerteza estrutural no que se refere aos resultados das decisões e das ações implantadas por elas.

Estas duas vertentes são, portanto, insuficientes para se fazer uma análise precisa do desempenho competitivo de uma indústria, dado que se resumem a mensurações em pontos definidos no tempo das estratégias competitivas adotadas pelas firmas no passado.

Kupfer (op. cit.) chega a conclusão de que competitividade “é função da adequação das estratégias das firmas individuais ao padrão de concorrência vigente no mercado. Em cada indústria vigoraria um dado padrão de concorrência definido a partir da integração entre estrutura e a conduta”. A competitividade é um fenômeno *ex-post* que não é captado pelo desempenho atual da firma no mercado. Portanto, o desempenho no mercado hoje é o resultado da estratégia competitiva da firma, ou da indústria, em um momento no passado. Neste aspecto, o conceito de competitividade relaciona-se com desempenho, conforme o modelo teórico utilizado.

Competitividade é, por conseguinte, um conceito multidimensional e dinâmico, dado que é determinada por diversos fatores, que podem sofrer alterações com o tempo e, conseqüentemente, o desempenho competitivo também se altera.

Uma avaliação do desempenho competitivo não pode, então, ser voltada apenas para o passado. O monitoramento da competitividade é feito com a intenção, por parte das firmas, “de compreender as causas deste desempenho e de permitir análises prospectivas” (Bonelli et alli, 1994). Para tanto, seria necessário conhecer as diferentes estratégias competitivas adotadas pelas firmas componentes das indústrias envolvidas. Estas informações não são abordadas neste trabalho, por dois motivos. Primeiramente, demandam tempo com pesquisas, atrasando o trabalho; e, em segundo lugar, não fazem parte do propósito do modelo teórico adotado.

No entanto, apesar das limitações citadas, neste trabalho será utilizado o conceito de competitividade como desempenho por duas razões básicas: a) Nesta visão, a competitividade apresenta-se como o resultado de estratégias adotadas anteriormente, de acordo com a estrutura e a conduta vigente em determinada indústria, o que permite incorporá-la ao modelo Estrutura - Conduta - Desempenho da Organização Industrial, que é a fundamentação teórica deste trabalho; b) os dados propostos, para o monitoramento do desempenho competitivo do complexo de papel e celulose, foram mais facilmente encontrados nas publicações em vigor.

## **CAPÍTULO IV**

### **PERFIL DO COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE**

## CAPÍTULO IV

### 4. PERFIL DO COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE

Devido ao fato de ser produtor de bens de consumo e de embalagens para bens de consumo, o complexo de papel e celulose deve manter-se permanentemente em sintonia com a demanda dos consumidores. O aumento da demanda da sociedade tem expressivo reflexo neste complexo industrial. Este complexo engloba as unidades produtoras de diferentes matérias-primas fibrosas utilizadas na fabricação de papel, bem como as empresas fabricantes de papel e cartão.

Em 1994, pelo segundo ano consecutivo, registrou-se no país um aumento do consumo *per capita* de papel. Em 1950, o consumo interno de papel era de aproximadamente 4 quilos por habitante. Atualmente, este volume atinge 30 quilos por habitante. Assim, conforme informações da Associação Nacional de Fabricantes de Papel e Celulose, se esta tendência de crescimento da demanda se confirmar, o Brasil conseguirá, em dez anos, igualar-se à média mundial de 45 quilos por pessoa.

No último ano, a produção nacional ultrapassou todos os recordes de sua história. Registrou-se a produção de, aproximadamente, 5,8 milhões de toneladas de celulose e 5,7 milhões de toneladas de papel. Vale enfatizar o esforço exportador destes setores. As exportações geraram divisas de US\$ 1,79 bilhão. O volume exportado pelo complexo respondeu, em 1994, por 4% das exportações nacionais.

O complexo emprega diretamente em torno de 107 mil pessoas. Deste total, 63 mil trabalham nas atividades industriais e 44 mil respondem pelo trato das florestas próprias. Estas correspondem a 1,4 milhão de hectares, estabelecidos em 866 mil hectares de eucalipto, 527 mil de pinus e 29 mil de outras espécies.

Para os próximos anos, as empresas dos setores têm planos otimistas. Espera-se dobrar a capacidade produtiva em dez anos. Para tanto, as grandes firmas já planejam investimentos que possam tornar viável esta meta.



Atualmente, encontram-se em atividade 194 empresas no complexo. Sendo que 161 na área de papel e 33 em celulose.

A tabela 4.1 apresenta a distribuição geográfica da produção brasileira. Destacando-se a participação dos estados do sudeste e do sul do país.

**TABELA 4.1 -**

**DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DA PRODUÇÃO DE PAPEL E CELULOSE - 1994**

PAPEL		CELULOSE	
Estado	Produção (1.000 t)	Estado	Produção (t)
1. São Paulo	2.589.046	1. São Paulo	1.646.731
2. Paraná	1.261.401	2. Espírito Santo	1.071.468
3. Santa Catarina	900.472	3. Santa Catarina	637.997
4. Rio de Janeiro	213.641	4. Paraná	557.106
5. Bahia	209.463	5. Bahia	500.844
6. Minas Gerais	179.176	6. Minas Gerais	387.165
Outros	300.398	Outros	574.960
<b>TOTAL</b>	<b>5.653.597</b>	<b>TOTAL</b>	<b>5.376.271</b>

Fonte: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

A produção nacional de celulose baseia-se, principalmente, em pastas de fibra curta (que correspondem a 75% do total). Aproximadamente 95% da produção brasileira de celulose está baseada na madeira, sendo o eucalipto a principal matéria-prima (65%). Também são utilizados como matéria-prima para a fabricação deste produto, resíduos agrícolas e plantas anuais (Babaçu, bambu, bagaço de cana, entre outros).

No refere-se à produção de papel, o tipo mais fabricado é o papel de embalagem (43% do total), seguido pelo papel para imprimir e/ou escrever (32% do total). Cabe ressaltar que o país utiliza, com intensidade, papéis reciclados (aparas), para produzir papéis/cartões.

A produção nacional das indústrias de papel e celulose vem crescendo a cada ano. Nos últimos dez anos, o complexo revelou sua capacidade de desenvolvimento. Neste período, a produção de papel evoluiu a uma taxa média anual de 4,2 %, e a de celulose a 4,8 % ao ano.

Como consequência deste esforço, o Brasil atingiu a auto-suficiência e tornou-se um dos principais exportadores mundiais de papel e celulose. Atualmente, as principais empresas do complexo, através da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, concluem a elaboração de uma política de desenvolvimento para os próximos dez anos. Neste período, as firmas pretendem duplicar a capacidade produtiva, de maneira a ampliar a participação brasileira no mercado internacional.

## **CAPÍTULO V**

### **O COMPLEXO INDUSTRIAL DE PAPEL E CELULOSE**

## CAPÍTULO V

### 5. O COMPLEXO INDUSTRIAL DE PAPEL E CELULOSE

#### 5.1 CONCENTRAÇÃO NO COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE

A análise da tabela 5.1 mostra que aumentou o nível de concentração nos setores escolhidos considerando-se as quatro e as oito maiores empresas. No entanto, convém observar que o nível de concentração calculado refere-se ao número de empresas e não ao número de estabelecimentos.

**TABELA 5.1 -**

#### **ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO NA INDÚSTRIA DE PAPEL E CELULOSE**

**1993-1994**

(Em %)

ÍNDICE	SETOR DE PAPEL		SETOR DE CELULOSE	
	1993	1994	1993	1994
CR4	41,5	42,9	58,2	60,0
CR8	61,8	62,8	81,9	83,3

Fonte dos dados brutos: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

As quatro maiores empresas do setor de papel, em um universo de 161 firmas, eram responsáveis por 41,5% e 42,9% da produção em 1993 e 1994, respectivamente. Quanto às oito maiores, obteve-se 61,8% e 62,85, respectivamente.

TABELA 5.2 -

PRODUÇÃO BRASILEIRA DE PAPEL E OS MAIORES PRODUTORES<sup>1</sup>

Empresa	Produção (t)		%	
	1993	1994	1993	1994
Grupo Klabin	866.294	914.129	16,3	16,2
Grupo Suzano/ Bahia Sul	531.285	633.530	10,0	11,2
Grupo Votorantim / Simão	465.141	525.164	8,7	9,3
Grupo Ripasa	334.750	354.094	6,3	6,2
Champion	334.557	338.006	6,3	6,0
Igaras/Papelok	292.557	306.964	5,5	5,4
Rigesa	236.316	248.588	4,4	4,4
Trombini	212.656	231.455	4,0	4,1
Pisa	156.829	158.323	2,9	2,8
<b>Subtotal</b>	<b>3.430.385</b>	<b>3.710.253</b>	<b>64,7</b>	<b>65,6</b>
<b>Outras</b>	<b>1.870.655</b>	<b>1.943.344</b>	<b>35,3</b>	<b>34,4</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5.301.040</b>	<b>5.653.567</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

Como o número de empresas atuantes no setor permaneceu constante no período referente a esta análise, houve, então, um aumento real no grau de concentração da produção. Além do mais, o aumento da participação das quatro maiores foi superior ao das oito mais significativas. Em outras palavras, houve um aumento no grau de concentração da produção em favor das quatro maiores. Isto, portanto, implica um acréscimo do poder de mercado destas em relação

<sup>1</sup>É importante lembrar que neste cálculo, e nos posteriores, agregou-se as empresas pertencentes a um mesmo grupo industrial. Portanto, o grupo Klabin é formado pelas seguintes empresas: KFPC - Paraná, Papel e Celulose Catarinense SA, KFPC Divisão Copa Fabricadora, KFPC Papelão Ondulado Rio, Papelão Ondulado do Nordeste Ponsa SA, Riocell SA, KFPC divisão Papelão Ondulado. O grupo Suzano é formado por: Cia Suzano de Papel e Celulose, Bahia Sul Celulose, Agaprint Informática Ltda e, Bacraft SA. Formam o grupo Votorantim as seguintes firmas: Votorantim Celulose e Papel, Conpel, Cia. de Papel e Papelão Pedras Brancas, Ind. de Papel de Salto Ltda e, Cia. Nitro Química Brasileira. Por último, o Grupo Ripasa engloba as empresas: Ripasa SA, Limeira SA Ind. de Papel e Cartolina e, Cia. Santista de Papel.

às demais. Conforme a tabela 5.2, o grupo Suzano/Bahia Sul e o grupo Votorantim/Simão aumentaram sua participação na produção e provocaram um significativo aumento na participação das quatro maiores firmas do setor.

A indústria de papel é moderadamente concentrada<sup>2</sup>, tendo grandes chances de apresentar condutas oligopolísticas<sup>3</sup>. E, como possui um grande número de empresas atuantes, tende a apresentar características daquilo que Labini (op.cit.) chama de “oligopólio diferenciado ou imperfeito”. O principal elemento deste tipo de estrutura é a diferenciação, cuja principal implicação é a preferência de alguns consumidores pelos produtos de determinadas empresas, já que estes lhes parecem diferentes dos produtos de outras firmas, mas na verdade são similares. Neste tipo de estrutura, existe menor desigualdade tecnológica e a rivalidade entre as firmas é maior que no oligopólio concentrado.

O setor fabricante de celulose, por sua vez, apresenta um elevado nível de concentração. Além disso, possui apenas 33 empresas, um número significativamente menor que o do setor produtor de papel. Em 1993, 58,2% da produção nacional de celulose encontrava-se em poder das quatro maiores firmas do setor. No ano seguinte, este número aumentou para 60,0%. Em relação às oito maiores, em 1993 estas controlavam 81,9% do total produzido. Em 1994, houve um acréscimo para 83,3% do total produzido no setor. Da mesma maneira que o setor de papel, o aumento da participação das quatro maiores firmas do setor de celulose foi maior que aquele das oito maiores empresas. Ou seja, aumentou o poder de mercado das quatro maiores. Conforme a tabela 5.3, três das quatro maiores empresas aumentaram sua participação na produção total desta indústria.

Portanto, o alto nível de concentração e o pequeno número de empresas participantes dão ao setor características daquilo que Labini classifica como oligopólio “concentrado”. Nesta estrutura, verifica-se a presença de fortes barreiras à entrada, seja pelo volume de capital inicial

---

<sup>2</sup> Segundo a classificação de Figueiredo (1984), um setor tem baixa concentração quando as quatro maiores controlam menos de 30% da produção. Considera-se a concentração como moderada quando as quatro maiores detêm entre 30 e 59,9% da produção. Alta concentração implica o controle de 60% ou mais do total da produção.

<sup>3</sup> Conforme Scherer (op. cit.)

necessário, seja devido à dificuldade ao acesso de tecnologia. Este tipo de estrutura é mais rígido que o oligopólio diferenciado.

**TABELA 5.3 -**

**PRODUÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E OS MAIORES PRODUTORES**

Empresa	Produção (t)		%	
	1993	1994	1993	1994
Aracruz S.A.	990.194	1.071.468	19,6	19,8
Grupo Suzano	737.550	864.224	14,6	15,9
Grupo Klabin	790.840	808.649	15,7	14,9
Grupo Votorantim	419.203	506.263	8,3	9,3
Celulose Nipo-brasileira SA Cenibra	338.993	387.165	6,7	7,1
Champion Papel e Celulose Ltda.	303.387	304.778	6,0	5,6
Ripasa SA Celulose e Papel	286.627	304.080	5,7	5,6
Igaras Papéis e Embalagens SA	265.990	270.428	5,3	5,0
Jari Celulose SA	280.566	264.881	5,6	4,9
<b>Subtotal</b>	<b>4.413.350</b>	<b>4.781.936</b>	<b>87,4</b>	<b>88,2</b>
<b>Outras</b>	<b>635.630</b>	<b>638.594</b>	<b>12,6</b>	<b>11,8</b>
<b>TOTAL</b>	<b>5.048.980</b>	<b>5.420.530</b>	<b>100,00</b>	<b>100,00</b>

Fonte: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

Cabe também ressaltar que, em ambos os setores, uma das prováveis causas do aumento no grau de concentração é o fato de as maiores empresas destes setores serem verticalmente integradas, o que contribui fortemente para a existência de economias de escala e, portanto, barreiras à entrada, que é um dos determinantes do nível de concentração em uma indústria. Esta integração, até as reservas florestais, contribui para a diminuição dos custos e permite ao produtor ao mesmo tempo agregar mais valor ao produto e aproximar-se do consumidor final. Além disso, segundo Jorge (1993), observa-se uma forte tendência mundial, assim como no

Brasil, em haver fusão de produtores de celulose e papel, o que contribui sensivelmente para o aumento do grau de concentração nesta indústria.

Outra questão a ser abordada refere-se à relação entre grau de concentração e número de empresas. Segundo Bonelli (1980), “as possibilidades de condutas oligopolísticas seriam tanto maiores quanto menor for o número de empresas em setores específicos”. Ainda na concepção desse autor, o rápido crescimento do número de empresas em um setor é uma variável que provoca uma redução no grau de concentração. Analogamente, uma diminuição no número de empresas implica o aumento no grau de concentração industrial.

Esta afirmação confirma-se neste trabalho, visto que, como observado, a indústria de celulose possui um índice de concentração com valor superior ao da de papel, ao mesmo tempo em que tem uma quantidade expressivamente menor de empresas atuantes.

O setor de papel caracteriza-se por um moderado nível de concentração e um alto número de empresas. A indústria de celulose, por sua vez, é altamente concentrada e nela atuam um pequeno número de firmas. Entretanto, segundo Jorge (1993), o nível de concentração em ambas as indústrias tende a aumentar, uma vez que se verifica uma redefinição estrutural nestes setores. Os aspectos relevantes desta reestruturação dizem respeito à entrada em atividade de novas plantas de celulose e de papel, por parte das grandes empresas destes mercados. Além do mais, verifica-se também aquisições, por parte dos grandes conglomerados, de pequenas firmas já atuantes. Ainda, segundo esse autor, como consequência do grau de concentração destas indústrias, nota-se a estagnação de alguns produtores, sobretudo empresas de rentabilidade baixa e não integradas com a produção de celulose.

## **5.2 DESEMPENHO COMPETITIVO DO COMPLEXO DE PAPEL E CELULOSE**

O mercado mundial de papel e celulose tem sofrido uma relevante evolução no cenário do comércio mundial. Como consequência, acirra-se a competição no mercado destes bens. As empresas brasileiras inserem-se com destaque neste mercado, adotando rígidos padrões de qualidade e vendendo seus produtos a preços mais baixos.



As principais vantagens competitivas das empresas brasileiras referem-se à disponibilidade de florestas e ao avançado nível de tecnologia utilizado na sua exploração. Estas vantagens garantem às firmas nacionais um dos menores custos de produção do mundo.

Mas, custos menores não são suficientes para garantir uma posição relevante no mercado internacional. Isto ficou comprovado com a crise de 1993, que teve como principal característica a oferta excessiva de produção e, conseqüentemente, a queda dos preços internacionais. E, ainda, os produtos comercializados pelas firmas nacionais são do tipo *commodities*, isto é, são produtos primários com grande importância econômica. Por isso, tais produtos têm seus preços fixados pelos principais mercados financeiros do mundo.

Logo, a manutenção desta posição vantajosa demanda das empresas brasileiras atitudes agressivas. Para tanto, as empresas líderes dispõem de recursos, físicos e financeiros, suficientes para sustentar sua posição no mercado. Estes recursos dizem respeito à integração vertical até a floresta, à produção com base em padrões de qualidade internacionais e ao grau de tecnologia disponível.

Podem ser resumidas em três, as principais estratégias competitivas adotadas pelas firmas líderes dos setores de papel e celulose. A primeira estratégia está relacionada à melhoria da produtividade florestal. Em segundo lugar, as empresas ampliam e adquirem áreas florestais, isto é, integração vertical para trás. E, por último, busca-se o uso de papel reciclado e a exploração das bases florestais sem agredir o meio ambiente, conforme os atuais requisitos do mercado.

No Brasil, a produção de papel concentra-se, principalmente, nos estados de São Paulo, Paraná e Santa Catarina, que responderam, em 1994, por aproximadamente 84% da produção nacional. A produção de celulose, além dos três estados citados, tem um montante significativo com origem no estado do Espírito Santo, onde situa-se a Aracruz, maior produtora nacional. Estes quatro estados foram responsáveis por 73% da produção nacional de celulose em 1994.

Como cada indústria tem características particulares, que as distinguem das demais, os indicadores de competitividade diferem de setor para setor. Portanto, para que se possa

analisar o desempenho competitivo dos setores escolhidos, Soares (1993) e Jorge (1993) propõem uma série de indicadores chamados comuns para uma mensuração dos resultados obtidos. Estes indicadores são:

- a) Evolução do Faturamento Líquido;
- b) Evolução do Faturamento por Tonelada/Quilo de Produto;
- c) *Market-share* no Mercado Interno e Mundial;
- d) Evolução da Margem de Lucro;
- e) Capacidade de Endividamento da Empresa;
- f) Evolução das Exportações e Importações.

A escolha dos indicadores, para a análise do desempenho competitivo neste trabalho, procurou refletir a capacidade competitiva destas indústrias tanto em nível interno quanto externo. Mas não foram encontrados dados como “evolução da margem de lucro” e “capacidade de endividamento das empresas”, e, por isso, não farão parte desta avaliação.

**TABELA 5.4 -**

**EVOLUÇÃO DO FATURAMENTO LÍQUIDO DAS INDÚSTRIAS DE PAPEL E  
CELULOSE  
1993-1994**

(US\$ milhão)

	Papel	Celulose
1993	3.555	1.020
1994	3.611	1.290

Fonte: Papel e Celulose, nº48.

Em 1993, o setor de papel obteve um faturamento de, aproximadamente, US\$ 3.555 milhões. Este valor aumentou, no ano seguinte, para US\$ 3.611 milhões, perfazendo um acréscimo de 1,58%. O setor de celulose, por sua vez, faturou US\$ 1.020 milhão, aumentando para US\$ 1.290 milhão no ano posterior. Isto indica uma variação positiva de aproximadamente 26,5%.

A simples observação da tabela 5.4 revela que o setor de papel, que é menos concentrado, tem um desempenho competitivo melhor. No entanto, convém lembrar que a celulose é a principal matéria-prima do papel e, logo, lhe agrega valor. Isto faz com que o preço do papel seja maior e que, em números absolutos, o faturamento deste setor também seja maior.

Mas, a análise da evolução do faturamento, em termos percentuais, permite verificar que o setor de celulose obteve, no período considerado, resultados mais expressivos, que lhe deram uma característica competitiva, de acordo com este indicador.

**TABELA 5.5 -**

**PRODUÇÃO DOS SETORES DE PAPEL E CELULOSE**

**1993-1994**

**(Em toneladas)**

	Papel	Celulose
1993	5.301.040	5.048.980
1994	5.653.597	5.420.530

Fonte: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

A evolução da produção não consta entre os indicadores propostos. Mesmo assim, é válida a observação deste indicador, haja vista que ele revela, em números absolutos, que os dois setores possuem um volume de produção semelhante, com pouca vantagem para o setor de papel. Em termos de variação percentual, a vantagem passa para a indústria de celulose, que tem um acréscimo de 7,36% contra 6,65% da indústria papelreira.

O Brasil é atualmente o décimo primeiro maior produtor mundial de papel, atuando em todos os segmentos de papéis. Além disso, é o sétimo maior produtor de celulose.

Vale lembrar também que, do total de papel produzido, 18% destinou-se ao consumo próprio, 56% às vendas internas e 26% às exportações. E, quanto ao destino final da produção de celulose, 54% do total produzido foi para consumo próprio, 10% para vendas internas e 36% exportado.

Outro indicador proposto é a evolução da razão entre faturamento e produção, que indica quanto cada setor fatura por tonelada produzida. Assim, o setor de papel, em 1993, obteve 670,62 US\$/t, e, no ano subsequente, este valor decresceu para 638,71 US\$/t, o que representa uma queda de 4,76%. É necessário, porém, ressaltar que, embora tanto o faturamento quanto a produção do setor aumentaram, a produção teve um aumento proporcionalmente maior que o do faturamento, provocando queda no valor deste indicador.

**TABELA 5.6 -**

**EVOLUÇÃO DO FATURAMENTO/PRODUÇÃO DAS INDÚSTRIAS BRASILEIRAS  
DE PAPEL E CELULOSE**

**1993-1994**

**(EM US\$/t)**

	Papel	Celulose
1993	670,62	202,02
1994	638,71	237,98

Fontes: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994 / Celulose e Papel. n. 48.

Por sua vez, a indústria de celulose obteve 202,02 US\$/t em 1993, e 237,98 US\$/t em 1994. Nota-se que houve um aumento de 17,80%, refletindo um aumento maior do faturamento sobre a produção. Portanto, de acordo com este indicador, o setor fabricante de celulose apresenta um desempenho competitivo mais satisfatório.

Em relação ao desempenho competitivo no mercado externo, verifica-se uma inversão nos resultados obtidos. O volume de exportações da indústria de celulose decresceu 14,4% no período. Apesar deste decréscimo, a receita advinda das exportações aumentou em 18,5%, devido ao aumento dos preços internacionais. Paralelamente, houve redução de aproximadamente 12,4% no volume importado. Estes fatos, todavia, não são suficientes para concluir que o setor não obteve resultados satisfatórios, visto que houve um aumento no volume de celulose utilizada para consumo interno devido à elevação da produção de papel, decorrente do aumento da demanda interna deste último. Além do que, o volume de importações corresponde a aproximadamente 2,8% do total produzido, enquanto que, no setor de papel, este número sobe para 8,5% da produção. Outro resultado positivo referente ao

setor de celulose, refere-se ao desempenho exportador das firmas atuantes. A Aracruz Celulose S.A. é atualmente a terceira maior empresa exportadora do país<sup>4</sup>, respondendo por 1,6% das exportações nacionais no primeiro semestre de 1995. Ainda neste contexto, a Cenibra Celulose, no mesmo período, ocupa a 26ª posição no *ranking* das exportações brasileiras por empresas.

**TABELA 5.7 -**

**EXPORTAÇÕES E IMPORTAÇÕES DOS SETORES DE PAPEL E CELULOSE**

**1993-1994**

Setor	Exportações				Importações			
	1993		1994		1993		1994	
	t	US\$ mil F.O.B.	t	US\$ mil F.O.B.	t	US\$ mil F.O.B.	t	US\$ mil F.O.B.
Papel	1.423.672	797.413	1.529.728	942.329	307.583	276.421	479.827	381.267
Celulose	2.422.084	718.439	2.074.513	851.333	172.583	65.047	151.231	74.563

Fonte: ANFPC, Relatório Estatístico, 1994.

No que concerne à evolução das exportações e importações, a indústria de papel encontra-se em melhor posição competitiva. A análise da tabela 5.7 permite verificar que houve um aumento de 7,45% nas vendas externas do setor. Em contrapartida, as importações aumentaram 56,0%. Este aumento expressivo no volume de importações reflete a tendência de aumento de consumo de papel observada no Brasil desde 1993. A atual demanda de papel supera a marca de 30 quilos por habitante/ano, o que equivale a aproximadamente 66% da média internacional.

No que se refere aos indicadores de *market-share*, a comparação do volume transacionado no comércio exterior permite verificar o alto grau de especialização da indústria de celulose, já que esta exporta um volume maior e importa menos que o setor de papel. Desta forma, averigua-se que o setor de celulose encontra-se melhor posicionado no mercado mundial. Além do mais, conforme a tabela 5.8, este setor ocupava, em 1993, a posição de sétimo maior

<sup>4</sup> Conforme dados do Boletim das Exportações de Santa Catarina, elaborado pela Secretaria de Estado do Desenvolvimento Econômico, Científico e Tecnológico.

produtor mundial. O setor de papel, por sua vez, ocupava o décimo primeiro lugar no *ranking* mundial de produtores. Vale dizer que, interna e externamente, o setor de celulose possui uma parcela de mercado mais significativa que a do setor de papel.

Conforme os indicadores adotados, pode-se concluir que o setor produtor de celulose possui um desempenho competitivo mais satisfatório. Em três dos quatro indicadores, este setor obteve resultados mais significativos. Apenas no indicador “Evolução das Exportações e Importações”, o setor atinge resultados menos significativos que o setor de papel. Convém lembrar que, esta queda no volume de exportação de celulose deveu-se ao redirecionamento da sua produção, que visou fornecer matéria-prima para suprir o aumento da demanda de papel.

**TABELA 5.8 -**

**MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE PAPEL E CELULOSE - 1993**

PAPEL		CELULOSE	
País	Produção (1.000 t)	País	Produção (1.000 t)
1. EUA	76.557	1. EUA	57.069
2. Japão	27.762	2. Canadá	22.897
3. China	18.200	3. China	15.290
4. Canadá	17.534	4. Japão	10.593
5. Alemanha	13.034	5. Suécia	9.953
6. Finlândia	9.990	6. Finlândia	9.338
7. Suíça	8.781	7. Brasil	5.509
8. França	7.975	8. Rússia	4.365
9. Itália	6.090	9. França	2.540
10. Coréia	5.804	10. África do Sul	2.320
11. Brasil	5.379	11. Noruega	2.169
Outros	54.539	Outros	20.137
<b>TOTAL</b>	<b>251.651</b>	<b>TOTAL</b>	<b>162.180</b>

Fonte: GOUVÊA, Leila. O possível *boom* de papel e celulose. In: Notícias (Sistema FIESP),

São Paulo, n. 115, p.10-17, 10 de julho de 1995.

Portanto, segundo os indicadores utilizados, ambos os setores têm capacidade competitiva, o que reafirma a conclusão de Coutinho e Ferraz (1994). Esta capacidade é expressa principalmente pelo diferencial entre exportações e importações, visto que ambas as indústrias possuem expressivo desempenho no comércio exterior. Vale ressaltar, ainda, que estes autores alertam para o fato de que “as exportações de *commodities* apresentam tendência a um baixo dinamismo, excesso estrutural de oferta e queda generalizada dos preços”. Este fato requer a atenção por parte das empresas para as mudanças que, porventura, possam interferir na capacidade competitiva do complexo de papel e celulose

## **CAPÍTULO VI**

### **CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES**



## CAPÍTULO VI

### 6. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Este trabalho teve como objetivo principal testar a existência de uma possível associação positiva entre concentração e desempenho competitivo, nos setores de papel e celulose. O período de análise restringiu-se aos anos de 1993 e 1994. O fundamento teórico adotado foi o paradigma Estrutura - Conduta - Desempenho, na sua vertente que desconsidera a variável intermediária. As conclusões deste trabalho podem ser apresentadas em duas etapas. A primeira, refere-se à análise da concentração e do desempenho competitivo separadamente. A segunda diz respeito à análise das variáveis de acordo com o modelo adotado.

Em relação à concentração industrial, averiguou-se que o setor de papel caracteriza-se por ter moderada concentração aliada a um número expressivo de produtores. A indústria de celulose possui um elevado nível de concentração e um número pequeno de empresas atuantes. No entanto, importa lembrar que as empresas líderes destes setores são verticalmente integradas até a base florestal. Isto implica a existência de sólidas barreiras à entrada, que posteriormente podem contribuir para o aumento da concentração em ambos os setores. Outro fato, que pode vir a auxiliar no aumento da concentração, diz respeito aos investimentos feitos recentemente pelas maiores firmas, visando principalmente a ampliação e a manutenção das reservas florestais. A indústria de papel possui características de “Oligopólio Diferenciado, enquanto que a de celulose apresenta aspectos relacionados ao “Oligopólio Concentrado”.

Para se fazer o monitoramento do desempenho competitivo foram utilizados quatro indicadores propostos para o complexo de papel e celulose. Estes indicadores são: a) evolução do faturamento líquido; b) evolução do faturamento líquido/tonelada produzida; c) evolução das exportações e importações; e d) *market-share* interno e externo. A análise destes indicadores revela que, no período analisado, a indústria de celulose apresentou um desempenho mais satisfatório em três dos quatro indicadores utilizados. Somente no item “evolução das exportações e importações” constata-se um melhor desempenho competitivo por parte da indústria de papel. Este fato não é suficiente para afirmar que o setor de celulose

não é competitivo, pois houve aumento no consumo interno de papel, o que provocou um redirecionamento da produção de celulose para consumo próprio das empresas.

O desempenho competitivo de uma firma ou indústria é determinado, entre outros fatores, pelo grau de concentração. Desta maneira, segundo o fundamento teórico adotado, uma indústria concentrada tende a apresentar um desempenho competitivo mais satisfatório do que uma indústria pouco concentrada. A análise dos dados obtidos revela que o setor de celulose é significativamente mais concentrado que o de papel. Além disso, a indústria de celulose apresenta um desempenho competitivo melhor. Confirma-se, então, a validação da proposição teórica adotada, assim como a existência de uma associação positiva entre concentração e desempenho competitivo nas indústrias de papel e celulose.

Este trabalho, no entanto, não pretende esgotar o tema, já que possui certas limitações. Uma delas refere-se ao modelo teórico adotado, dado que este tem um caráter estático, que ignora a dinâmica inerente ao sistema capitalista. Outra limitação reside na definição de competitividade utilizada, que considera apenas os resultados obtidos devido às diversas estratégias adotadas pelas empresas. Deve-se salientar que faltaram elementos empíricos para uma análise mais abrangente do desempenho competitivo no complexo de papel e celulose. Portanto, as considerações deste trabalho possuem um caráter de diagnóstico das relações entre concentração e desempenho competitivo no complexo, sendo fruto, principalmente, do paradigma teórico adotado.

As sugestões de temas para trabalhos futuros são inúmeras. Primeiramente, podem ser feitos estudos mais profundos na área de Organização Industrial. Outra possibilidade refere-se a uma análise do desempenho competitivo através de indicadores multidimensionais de desempenho competitivo. Estes indicadores dizem respeito aos custos de produção, à qualidade dos produtos, entre outros fatores. Também seria interessante analisar as estratégias adotadas pelas maiores firmas das indústrias analisadas.

Desta forma, este trabalho, longe de esgotar o debate sobre o tema, pode fornecer elementos para uma grande diversidade de estudos.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS FABRICANTES DE PAPEL E CELULOSE (ANFPC). Relatório Estatístico. São Paulo, 1994.

BAIN, Joe S. Industrial organization. New York: John Wiley & Sons, Inc., 1959.

BERNI, Duílio de Ávila. Apontamentos sobre as fronteiras e limites da economia industrial. In: Literatura Econômica. São Paulo. v. 12, Janeiro/Dezembro 1990.

BONELLI, Régis. Concentração industrial no Brasil: indicadores da evolução recente. In: Pesquisa e planejamento econômico. Rio de Janeiro. v. 10(3), Dezembro 1980, p. 851-884.

\_\_\_\_\_ & FLEURY, Paulo & FRITSCH, Winston. Indicadores microeconômicos do desempenho competitivo. In: Revista de Administração. São Paulo. v 29, n. 2, p. 3-19, Abril / junho 1994.

BRUMER, Sara. Estrutura, conduta e desempenho de mercado na indústria metal-mecânica gaúcha - 1977. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística, 1981.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Competitividade industrial: uma estratégia para o Brasil. Rio de Janeiro: CNI, maio de 1991.

COUTINHO, Luciano & FERRAZ, José Carlos (orgs.) Estudo da competitividade da indústria brasileira. 2 ed. Campinas, SP: Papyrus/ Ed. da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

FIGUEIREDO, Orlando. Concentração e desempenho na indústria brasileira de bens de consumo. In: Revista de Administração de Empresas. Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 25-33, jul./set. 1984.

GOUVÊA, Leila. O possível *boom* de papel e celulose. In: Notícias (Sistema FIESP), São Paulo, n. 115, p.10-17, 10 de julho de 1995.

JORGE, Maurício Mendonça. Nota técnica setorial :Competitividade da indústria de celulose. In: Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas: FINEP/MCT/FECAMP/UNICAMP-IE/ UFRJ-IEI, 1993.

KUPFER, David. Competitividade da indústria brasileira: Visão de conjunto e tendência de alguns setores. In: Revista Par. Desenvolvimento. Curitiba, n. 82, p. 45-78, maio/ago. 1994.

\_\_\_\_\_. Padrões de concorrência e competitividade. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ (Textos para discussão), 1991.

LABINI, P.S. Oligopólio e progresso técnico. São Paulo: Forense, 1980.

NÚMEROS do setor. Celulose e Papel. São Paulo, n. 48, 10-13, jan./fev. 1995.

SCHERER, F.M. & ROSS, David. Industrial market structure and economic performance. 3 ed. Boston: Houghton Mifflin Company, 1990.

SECRETARIA DE ESTADO DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO. Boletim das Exportações de Santa Catarina. Florianópolis, 1995.

SOARES, Sebastião José M. Nota técnica setorial: Competitividade da indústria de papel. In: Estudo da competitividade da indústria brasileira. Campinas: FINEP/MCT/FECAMP/UNICAMP-IE/ UFRJ-IEI, 1993.

SOUZA, Maria Cristina C. Concentração industrial em quatro ramos industriais. Revista de administração de empresas. Rio de Janeiro. V. 20(4), Outubro/Dezembro 1980, p. 27-43.

AVALIAÇÃO DA MONOGRAFIA

PARTE ESCRITA

1) CONTEUDO:

a) Objetivo do Estudo - (na área econômica)  
Até que ponto a delimitação dos objetivos permitiu que seus propósitos fossem alcançados.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ (8) 9/ 10. (10,5)

b) Metodologia -

A metodologia utilizada foi apropriada para alcançar os objetivos.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ (8) 9/ 10. (10,5)

c) Corpo do Trabalho -

O desenvolvimento teórico, analítico, de resultado e de conclusão foram sistematizados de maneira a possibilitar o atingimento dos objetivos. A bibliografia é atualizada.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ (8) 9/ 10. (10,5)

Item 1.1) Média  $(a+b+c/3) = \dots 40,0 \dots \times 5,0$  (peso) =  $\dots 40,0 \dots$

2) ESTILO E FORMA DE APRESENTAÇÃO

a) A redação foi clara, a linguagem precisa, as idéias foram apresentadas com lógica e continuidade, o uso da terceira pessoa do singular e da voz passiva foram seguidos no texto.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ (8) 9/ 10. (10,5)

b) As tabelas, quadros, figuras, citações bibliográficas, notas de rodapé, números, abreviaturas, anexos, referências bibliográficas, etc., seguiram as normas técnicas.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ (8) 9/ 10. (10,5)

Item 1.2) Média  $(a+b/2) = \dots 8,5 \dots \times 2,0$  (peso) =  $\dots 17,0 \dots$

PARTE ORAL -

O conteúdo da exposição e da arguição, a postura, a gesticulação, a linguagem, os recursos didáticos e audiovisuais, desenvolvidos ou apresentados durante a defesa oral, foram satisfatórios.

NOTA: 0/ 1/ 2/ 3/ 4/ 5/ 6/ 7/ 8/ (9) 10. (10,5)  $\times 3,0$  (peso) =  $\dots 28,5 \dots$

NOTA FINAL: 1) PARTE ESCRITA - item 1.1) =  $\dots 40,0 \dots$   
- item 1.2) =  $\dots 17,0 \dots$

2) PARTE ORAL ----- =  $\dots 28,5 \dots$

Soma (Partes 1+2) =  $\dots 85,5 \dots$

Soma/10(Nota Final) =  $\dots 8,5 \dots$

Comissão de Avaliação:  
- (Presidente) Prof. Edvaldo Santos Ass. [Assinatura]  
- (Membro) Prof. Renato Lobato Ass. [Assinatura]  
- (Membro) Prof. Liz Carlos Ass. [Assinatura]

Nome do Aluno ..... Data Defesa: ...../...../.....

PARECER DA BANCA: (Aspectos Positivos e Negativos da Monografia)